

Percepção de risco em destinos turísticos costeiros: estudo de caso no Serrote da Pedra Furada, Jericoacoara, Ceará, Brasil

Juliana Moreira dos Santos 

Universidade Estadual do Ceará
Fortaleza, Ceará, Brasil
juliana.moreira@aluno.uece.br

Tais Amorim Lindoso 

Universidade Estadual do Ceará
Fortaleza, Ceará, Brasil
tais.lindoso@aluno.uece.br

Davis Pereira de Paula 

Universidade Estadual do Ceará
Fortaleza, Ceará, Brasil
davispp@gmail.com

RESUMO

Os destinos costeiros de alta visitação, como Jericoacoara, no litoral oeste do Ceará, Brasil, apresentam riscos naturais frequentemente subestimados pelos visitantes. O presente estudo analisou a percepção de risco no Serrote da Pedra Furada, no Parque Nacional de Jericoacoara, por meio da aplicação de formulários a 107 turistas. Os resultados revelaram uma contradição importante: embora 58,9% afirmem conhecer o conceito de falésias, apenas 34,9% identificam o local como tal. A percepção de risco mostrou-se predominantemente sensorial, baseada em elementos imediatos, como a inclinação do terreno e a dificuldade de acesso, em vez da compreensão dos processos geomorfológicos como o de instabilidade. Fatores como primeira visita, idade e origem influenciaram significativamente essa percepção. Além disso, 74,8% dos participantes destacaram a ausência de sinalização adequada, indicando que a comunicação sobre os riscos é insuficiente no local. Os resultados sinalizam a necessidade de implementação de estratégias de comunicação de risco e sinalização educativa como medidas essenciais para mitigar a vulnerabilidade dos visitantes.

PALAVRAS-CHAVE: percepção de risco; turismo; Jericoacoara.

INTRODUÇÃO

As zonas costeiras têm um papel importante no cenário do turismo global, pois reúnem uma variedade de atrativos naturais (e.g. praias, falésias, dunas e estuários) que favorecem o desenvolvimento de diversas atividades de lazer (e.g. banho de mar, banho de Sol, caminhadas e esportes náuticos). Esses ambientes proporcionam experiências singulares de lazer e bem-estar aos visitantes (Liu *et al.*, 2022; Lamine *et al.*, 2024). No Brasil, essa dinâmica se manifesta ao longo de mais de 10.000 km de linha de costa banhados pelo Oceano Atlântico, incluindo baías, reentrâncias e saliências.

O patrimônio natural brasileiro, aliado ao clima tropical, atrai, anualmente, milhões de turistas nacionais e estrangeiros, consolidando o turismo costeiro como uma atividade econômica e prática social de grande relevância (Medeiros, 2014). Contudo, a intensa ocupação humana e a expansão das atividades turísticas nessas áreas contrastam diretamente com a fragilidade ambiental de seus ecossistemas. Especificamente, no litoral do Nordeste brasileiro, essas atividades e ocupações têm resultado na degradação dos ecossistemas, com a supressão da vegetação nativa costeira, impermeabilização do solo, artificialização dos litorais e intensificação da erosão, consequentemente impactando o ambiente físico (Lima *et al.*, 2019; Paula *et al.*, 2021; Braga e Paula, 2025).

Os litorais são ambientes naturalmente dinâmicos e sensíveis, sujeitos a processos como instabilidade geomorfológica, erosão costeira e movimentação de dunas, que aumentam a exposição dos visitantes a situações de perigo (Vasconcelos, 2005; Domingues *et al.*, 2017). Essa fragilidade natural, associada ao desenvolvimento do litoral para atender à demanda turística, acarreta mudanças consideráveis na estabilidade e no equilíbrio dos sistemas ambientais locais (Câmara; Silva, 2021).

As áreas costeiras vêm experimentando os efeitos e os impactos das mudanças climáticas (*Intergovernmental Panel on Climate Change* - IPCC, 2023). Assim, fenômenos como a subida do nível do mar, o aumento na frequência e na intensidade de eventos extremos, como as tempestades, amplificam os perigos já existentes como a erosão costeira, movimentos de massa em falésias e inundações marinhas (Domingues *et al.*, 2017; Kulp; Strauss, 2019; Vousdoukas *et al.*, 2020; Fox-Kemper *et al.*, 2021). Logo, a zona costeira configura-se como um espaço de conflito, onde se sobrepõem e interagem dinâmicas naturais, pressões antrópicas e os efeitos das mudanças climáticas (Franco, 2021).

O reconhecimento dos perigos naturais, sobretudo em áreas costeiras, no entanto, constitui um processo subjetivo, ou seja, a identificação desses perigos é percebida de maneira única e individual por cada pessoa. O risco está intrinsecamente associado à percepção individual ou coletiva sobre a probabilidade de ocorrência de um evento potencialmente perigoso (Almeida, 2012). Nessa perspectiva, a percepção de risco integra-se ao campo mais amplo da percepção ambiental, que abrange mecanismos mentais, cognitivos e sensoriais responsáveis por influenciar a forma como as pessoas interpretam, avaliam e se relacionam com o ambiente (Palma, 2005). Nesse mesmo sentido, pesquisas recentes apontam que a percepção ambiental resulta da combinação entre estímulos sensoriais e interpretações socioculturais.

Recentemente, a popularização das redes sociais tem ampliado a visibilidade de acidentes ocorridos em ambientes frágeis ou em áreas onde há perigos naturais inerentes à dinâmica da paisagem, constantemente relacionados à busca por fotografias ou vídeos “instagramáveis”, com o objetivo de aumentar o engajamento nas plataformas digitais (Weiler *et al.*, 2021; Cornell *et al.*, 2025).

No estudo intitulado “*Selfies de morrer: uma revisão da investigação sobre autofotografia associada a lesões/morte no turismo e recreação*” de Weiler *et al.* (2021), os autores investigaram a extensão e a natureza dos riscos associados à autofotografia (*selfies*), turística perigosa, destacando que estudos epidemiológicos globais registram mais de 250 mortes relatadas pela mídia na última década.

A exposição de viagens nas redes sociais influencia diretamente a forma como o conteúdo é percebido, impulsionada pelo desejo de gerar emoção, interatividade e impacto visual (motivações estéticas). Esse impulso por registrar e compartilhar imagens pode se sobrepor à prudência e à segurança, levando à negligência dos cuidados necessários frente aos riscos permanentes no ambiente e tornando a exposição ao risco uma prática cada vez mais comum (Rosa *et al.*, 2022).

Apesar de os perigos naturais serem conhecidos pelo público especializado, sua comunicação ao visitante ainda é falha. Como demonstram Saunders *et al.* (2019), placas de advertência em parques nacional nem sempre conseguem transmitir de forma eficaz a gravidade dos riscos, o que contribui para a subestimação do perigo por parte dos visitantes e, conseqüentemente, para sua exposição a situações potencialmente perigosas.

Nesse caso, as ações de gestão preventiva ainda não se consolidaram como uma prática administrativa, gerando uma deficiência, por exemplo,

nos registros de acidentes (Cutter et. al., 2008). Este é o caso do Serrote e da Pedra Furada, atrações turísticas em Jericoacoara-CE, onde, apesar dos perigos evidentes, apenas três ocorrências foram noticiadas em veículos de comunicação, como G1 - Ceará (2020; 2025).¹

Diante desse cenário, emerge o problema central desta pesquisa: “Como os turistas percebem e reconhecem os riscos naturais durante o uso recreacional do Serrote e da Pedra Furada?”. Portanto, este estudo teve como objetivo investigar, diante da ausência de registros sistemáticos, sobre acidentes, se os turistas reconheciam os perigos naturais associados ao uso recreacional do local.

RISCO E PERCEPÇÃO NO TURISMO

Os conceitos de risco e perigo, habitualmente confundidos, possuem significados distintos (Aneas de Castro, 2000). O perigo representa a ameaça em si, um fenômeno natural ou antrópico com potencial para causar danos (UNISDR, 2009). No contexto deste estudo, o perigo se materializa na instabilidade geomorfológica da área analisada. O risco surge da interação entre o perigo e a vulnerabilidade de um sistema (Souza; Zanella, 2010; Tominaga, 2009). Como destacam Marandola Jr. e Hogan (2004, p. 103), “não há perigo sem risco, nem risco sem perigo”. Para os autores, o risco investigado emerge quando turistas se expõem às áreas instáveis durante atividades recreativas, o que pode incluir, além da possibilidade de queda de blocos, acidentes como escorregões ou quedas em trechos íngremes associados às condições do terreno.

Quando se trata do turismo em ambientes naturais, o risco torna-se um elemento intrínseco, especialmente nas modalidades de aventura e ecoturismo (Lima; Raimundo; Eichenberg, 2014). A busca por experiências memoráveis (Hosany, 2012) pode levar os visitantes a associarem o risco ao prazer e ao escapismo (Le Breton, 2007), transformando o risco imaginário em risco real. É nessa interface que a percepção de risco se mostra essencial, pois consiste em um processo intrinsecamente subjetivo (Davidoff, 1983) e predominantemente emocional (Gifford, 2014).

A percepção do risco é moldada por um conjunto de fatores internos e externos ao indivíduo (Um; Crompton, 1990). Os fatores internos referem-se

¹ As três ocorrências referem-se a: resgate de turista após acidente durante passeio (G1 – Ceará, 14 set. 2020); idoso que sofreu queda em trilha na Pedra Furada (Corpo de Bombeiros do Estado do Ceará); e turista que apresentou princípio de desmaio durante trilha (G1 – Ceará, 24 jun. 2025).

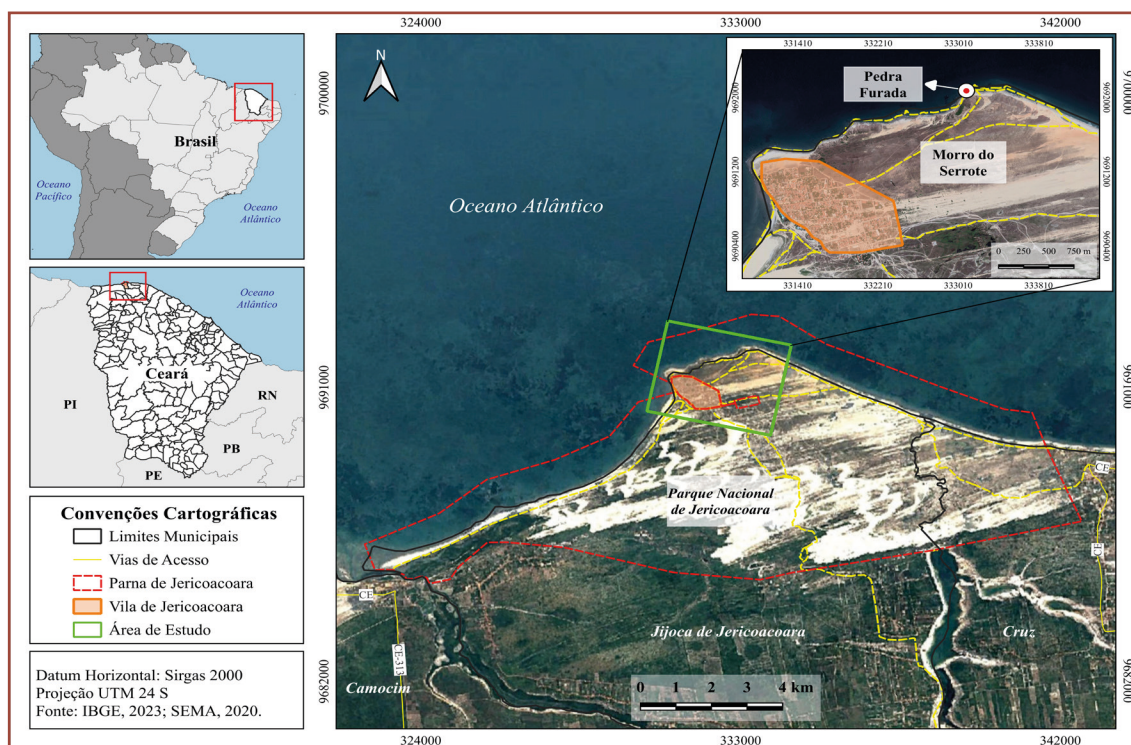
às características do turista, como sua predisposição a “se deixar levar pelas emoções”, característica que aproxima esses visitantes do perfil dos “buscadores de novidades” (Cohen, 1972) e dos turistas “alocêntricos” (Plog, 1974), que demonstram menor aversão ao perigo.

Os fatores externos incluem a experiência prática com o destino e suas paisagens. A inexperiência, comum em visitantes de primeira viagem, tende a gerar uma percepção mais superficial das ameaças (Peace, 2011; Yang *et al.*, 2015), fenômeno que dialoga com a teoria da adaptação à paisagem (Tuan, 1980). Outro fator externo relevante é a exposição a informações, hoje amplamente mediada por redes sociais e mídias digitais (Heung *et al.*, 2001; Tan; Halim, 2021). Nessa mesma categoria, enquadra-se a sinalização disponível no local, cuja ausência mostra-se uma variável importante para a formação de uma percepção adequada do risco.

ÁREA EM ESTUDO

A pesquisa foi realizada no trecho do Serrote, um dos principais acessos à Pedra Furada, um promontório rochoso localizado no Parque Nacional de Jericoacoara (PARNA). O PARNA localiza-se no município de Jijoca de Jericoacoara, situado no litoral extremo oeste do estado do Ceará, Nordeste do Brasil, distante mais de 320 km de Fortaleza, capital do Ceará (Figura 1).

Figura 1 – Localização da área de estudo



Fonte: Autores (2025).

O PARNA de Jericoacoara, criado em 2 de fevereiro de 2002, estende-se por uma área de aproximadamente 8.863,03 hectares, abrangendo partes dos municípios de Jijoca de Jericoacoara e Cruz, incluindo áreas marinhas. Sua criação teve como objetivo central a proteção do relevante ecossistema costeiro e marinho da região (Meira; Moraes, 2017). A unidade de conservação possui elevada visibilidade midiática, impulsionada pela intensa atividade turística que começou a se desenvolver a partir da década de 1970 (Nogueira, 2016).

A vila de Jericoacoara é a área onde residem moradores e onde se localizam as principais infraestruturas turísticas do município, sendo circundada pelo Parque Nacional de Jericoacoara. A vila está distante cerca de 20 km da sede do município. Esse espaço concentra diversos serviços básicos e de apoio ao turismo, como hotéis, pousadas, bares e restaurantes. Desse modo, a vila configura-se como um local de recepção de turistas que visitam o PARNA e áreas adjacentes.

Jericoacoara é um dos principais destinos turísticos de sol e praia do país, reflexo de décadas de investimentos dos poderes públicos estadual, federal, bem como da iniciativa privada, em infraestruturas e promoção do destino turístico (Nogueira, 2016). Nos últimos 20 anos, houve um crescimento muito acelerado do turismo na vila, provocando mudanças significativas na paisagem, no território e nas relações e interrelações do local (Lindoso, 2022).

Do ponto de vista geológico, a área de estudo apresenta três grandes ambientes: I) o embasamento cristalino aflorante na região do Serrote de Jericoacoara; II) as rochas sedimentares da Formação Barreiras; e III) a área de depósitos holocênicos de características eólicas (Oliveira, 2022). A morfologia local é caracterizada por um promontório rochoso, que avança em direção ao oceano e muda a orientação da costa.

O Serrote de Jericoacoara é um relevo residual cristalino de forma dômica, semicircular e alongado na direção Leste-Oeste, que atinge a cota de 98 metros de altitude (Figura 2). Sua vertente norte, voltada para o oceano, é abrupta e escarpada, configurando uma ruptura topográfica típica de um promontório. Já a vertente sul apresenta inclinação suave e está associada a depósitos de origem eólica e/ou coluvial (Arruda, 2007; Meira, 2016).

O principal atrativo desse trecho de Jericoacoara é a Pedra Furada (Figura 3), uma estrutura esculpida pela erosão marinha no afloramento rochoso do substrato cristalino (Arruda, 2007). Seu acesso, um dos mais visitados do PARNA, dá-se por trilhas de dificuldade variada ou pela praia, a depender da maré (Meira; Brito; Moraes, 2017). Todavia, este é um ambiente dinâmico e

perigoso, onde a faixa de areia é estreita e as ondas, frequentemente, atingem a base rochosa (Arruda, 2007; Meira, 2016).

Figura 2 – Relevo cristalino residual (Morro do Serrote) em Jericoacoara, Jijoca de Jericoacoara



Fonte: Autores (2025).

Figura 3 – Imagens da Pedra Furada e das trilhas de acesso



Fonte: Autores (2025).

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, com abordagem quantitativa para a análise dos dados, tendo como área de pesquisa o Serrote da Pedra Furada, de Jericoacoara. Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, cujo objetivo é compreender a percepção de risco no contexto turístico.

co local. O método de estudo de caso foi adotado por permitir a investigação aprofundada de um fenômeno em seu contexto real (Yin, 2015; Gil, 2019).

O formulário

O instrumento de coleta de dados utilizado foi o formulário impresso, por se tratar de ferramenta estruturada, eficiente e organizada obtenção de dados primários sobre a percepção social do risco. Essa estratégia é amplamente empregada em estudos sobre percepção ambiental e tem se mostrado adequada para pesquisas dessa natureza (Yang, Sharif e Khoo-Lattimore, 2015; Silva, 2017; Farias; Gama, 2019; Lindoso, 2023), sobretudo por possibilitar a obtenção rápida das respostas e reduzir o tempo demandado aos participantes, minimizando desistências durante o processo de coleta.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi o formulário semiestruturado, combinando perguntas e campos destinados a respostas abertas, aplicando exclusivamente ao público adulto (18 anos ou mais). O formulário foi previamente submetido à Plataforma Brasil (CAAE nº 79273424.2.0000.5534) e obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará (UECE), assegurando o cumprimento das normas éticas vigentes.

A aplicação do instrumento ocorreu ao longo da trilha do Serrote, que conduz à Pedra Furada, um dos principais pontos de visitação do PARNA. A estratégia consistiu na distribuição de três pesquisadoras ao longo do percurso, possibilitando uma abordagem aos visitantes em diferentes trechos. O intenso fluxo de visitação para registro fotográfico

à Pedra Furada favoreceu o acesso para entrevistas, permitindo a aplicação do formulário enquanto os turistas aguardavam sua vez, sem comprometer a experiência da visitação. Por fim, o formulário construído foi bilíngue (português/inglês).

Amostra

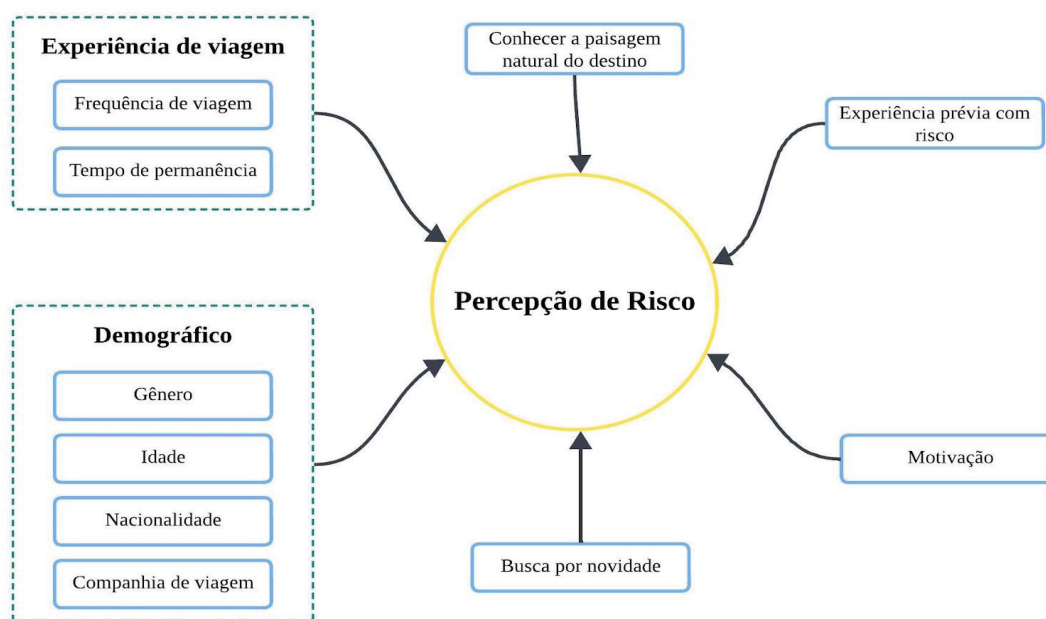
A pesquisa baseou-se na aplicação de 107 formulários, quantitativo alcançado ao longo das campanhas de campo. A definição desse número, portanto, não foi pré-estabelecida de forma arbitrária, mas resultou da adoção de uma amostragem não probabilística por acessibilidade. Essa estratégia mostrou-se a mais adequada diante da abordagem de estudo de caso, de caráter exploratório-descritivo (Gil, 2019), e, sobretudo, das condições reais de investigação: o desenvolvimento do trabalho em uma área natural de difícil acesso, a variação do fluxo de visitantes e o fato de que o atrativo estudado,

a Pedra Furada, não recebe a totalidade dos turistas que visitam o PARNA, configurando um público delimitado e específico. Dessa forma, a amostra buscou contemplar a diversidade de perfis dentro desse universo acessível, produzindo dados representativos das percepções desse grupo, ainda que seus resultados não possam ser generalizados estatisticamente para a totalidade dos visitantes do parque.

Estrutura do formulário

A elaboração do formulário foi baseada no modelo teórico de percepção social de riscos proposto por Yang, Sharif e Khoo-Lattimore (2015). Nessa proposta, a percepção do turista é influenciada por fatores internos (experiência e a motivação de viagem, experiências anteriores com riscos e busca por novidades) e fatores externos, relacionados à imagem de risco do destino, construída a partir da mídia, redes sociais e recomendações pessoais. Com base nesses elementos, o formulário foi adaptado para a realidade do objeto de estudo (Figura 4).

Figura 4 – Modelo teórico de percepção de risco



Fonte: Adaptado de Yang, Sharif e Koo-Lattimore (2015).

O instrumento final foi estruturado em cinco blocos temáticos, com 23 questões, distribuídas entre formatos abertos e fechados (múltipla escolha, dicotômica, escala Likert e *ranking*). O Bloco 1 foi destinado ao perfil socioeconômico e o uso do destino; o Bloco 2 abordou a experiência prévia dos

participantes com situações de riscos; o Bloco 3 investigou a percepção de risco associada aos percursos realizados; o Bloco 4 tratou da percepção sobre riscos naturais; e o Bloco 5 reuniu questões relativas à sinalização existente e à responsabilidade atribuída em caso de acidentes.

Foi realizado um pré-teste com 10 visitantes em novembro de 2022, na praia de Jericoacoara, cuja amostra não foi inserida na análise final. Após os ajustes necessários, o instrumento definitivo foi aplicado em três campanhas de campo (novembro de 2022, maio de 2023 e julho de 2024), contemplando períodos de baixa e alta estação, a fim de ampliar a diversidade de respostas obtidas. As coletas ocorreram de forma espaçada devido ao custo envolvido nas campanhas e à necessidade de planejamento dos recursos e da logística.

Análise dos formulários

Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva (frequências e percentuais) e estatística inferencial. Foram aplicados os testes Qui-Quadrado de Pearson e Exato de Fisher para verificar associações entre variáveis categóricas. Também foi realizada Análise de Variância (ANOVA) para comparar as médias entre grupos, com aplicação do teste de *Tukey* como análise *post hoc*. Adotou-se nível de significância de 5% ($p < 0,05$) para todos os testes, e as análises foram conduzidas no *software* R.

RESULTADOS

Perfil do visitante

A Tabela 1 apresenta o perfil sociodemográfico e comportamental dos 107 visitantes entrevistados no Serrote da Pedra Furada, em Jericoacoara. A amostra indica um perfil predominante: a maioria dos respondentes é do gênero feminino (61,7%), jovem, com idade entre 20 e 34 anos (45,8%), e apresenta elevado nível de escolaridade, sendo que 75,7% possuem ensino superior completo.

Com relação à procedência dos visitantes, a maior parte dos turistas entrevistados no Serrote da Pedra Furada, em Jericoacoara/CE, é oriunda da região Sudeste do Brasil (64,5%), com destaque para o estado de São Paulo, que, sozinho, representa 52,3% dos visitantes. As demais regiões apresentam participação menor: Sul (12,1%), Nordeste (9,3%), Centro-Oeste (5,6%) e Norte (2,8%). Observou-se também a presença de turistas internacionais, provenientes da Argentina, Canadá, França e Alemanha, representando 5,6% do total. Esses dados evidenciam o alcance interestadual e internacional do destino, refor-

çando sua atratividade para públicos com maior poder aquisitivo e capacidade de deslocamento. A oferta de voos diretos de São Paulo para o aeroporto de Jericoacoara contribui para a dinâmica desse fluxo de visitantes.

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico e comportamental dos visitantes entrevistados no Serrote da Pedra Furada, Jericoacoara/CE (n=107)

Variável	Categoria	%
Gênero	Feminino	61,7
	Masculino	38,3
Faixa etária	20–34 anos	45,8
	35–49 anos	33,6
	≥ 50 anos	17,8
	18–19 anos	0,9
Escolaridade	Ensino superior	75,7
	Fundamental e médio	16,8
	Pós-graduação	7,5
Primeira visita a Jericoacoara?	Não (Já visitou antes)	88,8
	Sim (primeira vez)	11,2
Região de origem	Sudeste (SP, RJ, MG, ES)	64,5
	Sul (RS, PR, SC)	12,1
	Nordeste (CE, PE, PB)	9,3
	Centro-Oeste (DF, GO, MT, MS)	5,6
	Norte (AM, PA)	2,8
	Exterior (Argentina, Canadá, França e Alemanha)	5,6
Motivação da viagem	Lazer	86
	Aventura	6,5
	Outras	7,5
Tempo de permanência	5 dias ou mais	74,7
	Até 4 dias	25,2
Companhia de viagem	Casal	48,6
	Família	17,8
	Amigos	10,3
	Sozinho(a)	10,3

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

No que se refere à motivação da viagem, há um predomínio do lazer (86%) como motivo principal da viagem. A maioria dos entrevistados planeja estadias prolongadas, de cinco dias ou mais (74,7%), e viaja predominantemente

em casal (48,6%). Esse padrão consolida a imagem de Jericoacoara como um destino voltado a experiências turísticas imersivas, de descanso e contemplação das paisagens naturais.

Percepção de risco no Serrote da Pedra Furada

Os resultados indicam uma contradição considerável entre o conhecimento declarado pelos turistas e sua percepção aplicada à paisagem estudada. O Serrote pode ser considerado uma falésia costeira rochosa, trata-se de um relevo com uma face íngreme voltada para o mar. Na Tabela 2, é possível observar que a maioria dos entrevistados (58,9%) declarou conhecer o que são falésias costeiras, uma parcela ainda maior (65,1%) não acredita que o Serrote da Pedra Furada seja esse tipo de formação geomorfológica.

Apesar disso, 59,8% dos visitantes consideram o ambiente do Serrote perigoso para a atividade turística, o que demonstra uma percepção intuitiva de risco. Ademais, a avaliação sobre a probabilidade de ocorrência de acidentes apresentou distribuição ao longo da escala de 1 (muito improvável) a 5 (muito provável), com predominância da categoria intermediária (3), correspondente a quase 29% das respostas, indicando uma percepção majoritária de risco moderado.

Tabela 2 – Conhecimento sobre falésias e percepção de risco no Serrote da Pedra Furada, Jericoacoara/CE (n=107)

Variável	Categoria	%
Conhece o que são falésias costeiras	Sim	58,9
	Não	41,1
Conhece o que são falésias costeiras	Sim	58,9
	Não	41,1
Considera o ambiente do Serrote perigoso para o turismo	Sim	59,8
	Não	40,2
Percepção da probabilidade de acidente no local (Escala de 1 = muito improvável a 5 = muito provável)	Moda = 3	28,9

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A análise estatística identificou fatores-chave que influenciam significativamente a percepção de risco no Serrote da Pedra Furada, conforme apresentado na Tabela 3. Verificou-se uma associação altamente significativa entre realizar a primeira visita ao destino e subestimar o perigo ($p = 0,000388$). A idade também se mostrou um fator relevante ($p = 0,0079$), com o teste *post hoc* de Tukey indicando que os turistas mais jovens (20–

34 anos) apresentam percepção de risco significativamente maior do que aqueles na faixa de 35–49 anos.

Dessa forma, a tendência a “se deixar levar pelas emoções” revelou-se associada à forma como o risco é percebido ($p = 0,04068$). Por outro lado, gênero e escolaridade não apresentaram associação significativa com a percepção de perigo no local.

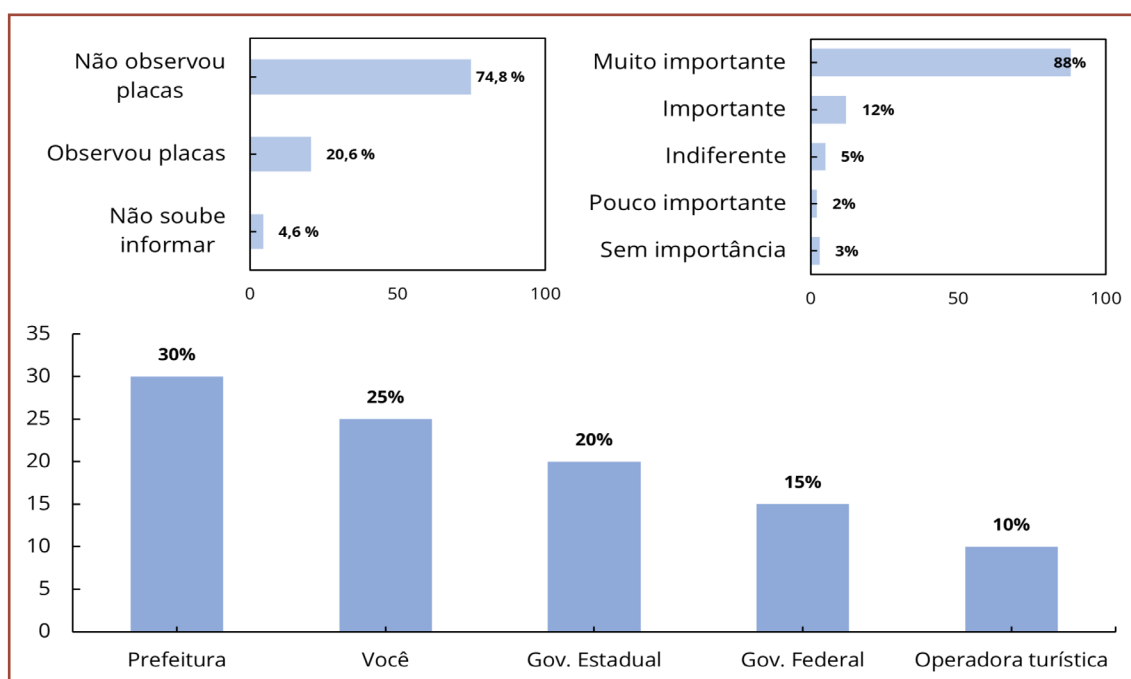
Tabela 3 – Associação entre variáveis selecionadas e a percepção de perigo no Serrote da Pedra Furada (Jericoacoara/CE)

Variável independente	Teste estatístico	Valor-p	Conclusão
Primeira visita ao destino	$\chi^2 = 12,587$	0,000388	Associação significativa
Idade	$F = 3,7076$ (ANOVA)	0,0079	Diferença significativa
"Me deixo levar pelas emoções"	$\chi^2 = 9,9848$	0,04068	Associação significativa
Gênero	$\chi^2 \approx 0,000$	1	Sem associação
Escolaridade	$\chi^2 = 1,4273$	0,4899	Sem associação

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Sinalização e responsabilização

Figura 5 – Percepções sobre sinalização, importância da informação de risco e atribuição de responsabilidade em caso de acidente no Serrote da Pedra Furada



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Com relação à sinalização de possíveis riscos ou perigos, observou-se que quase 75% dos visitantes não identificaram qualquer sinal de perigo no Ser-

rote da Pedra Furada, enquanto, aproximadamente, 25% afirmaram ter visto algum tipo de sinalização. Quando questionados sobre o grau de importância da sinalização de riscos e/ou perigos, a maioria (82,2%) indicou como “muito importante”, seguida por 11,2% que as consideraram “importante” e 5,6% que as avaliaram como “pouco importante” ou “indiferentes”.

Em caso de acidente, quase 35% dos entrevistados indicaram que responsabilizariam a Prefeitura Municipal de Jijoca de Jericoacoara, enquanto por volta de 34% assumiram a responsabilidade, devido à sua imprudência, 15% imputaram a responsabilidade ao Governo do Estado do Ceará. Os operadores locais de turismo foram os menos indicados, com cerca de 4,7% das indicações (Figura 5).

DISCUSSÕES

A identificação do perfil socioeconômico dos visitantes é fundamental para entender o comportamento dos turistas, além de suas preferências e motivações (Souza *et al.*, 2025). Esse processo também é essencial no estabelecimento de estratégias de gestão mais eficazes e inclusivas, considerando que com essas informações é possível identificar padrões/comportamentos associados aos tipos de atividades turísticas mais procuradas e como são compostos os grupos sociais (Vasconcellos, 2018; Souza *et al.*, 2025).

No que se refere à idade, ao gênero e à escolaridade, a literatura aponta que essas características demográficas podem influenciar a percepção ambiental dos turistas (Shiyab *et al.*, 2023). No presente estudo, observou-se a predominância de respondentes do gênero feminino, composta majoritariamente por jovens e adultos, além de um elevado nível de escolaridade entre os participantes. Entretanto, o nível de escolaridade não apresentou associação estatisticamente significativa com a percepção de perigo, indicando que esse fator não foi determinante para explicar as diferenças observadas entre os respondentes.

Ainda assim, estudos anteriores indicam que visitantes com maior grau de escolaridade tendem a demonstrar maior interesse por informações ambientais, além de maior engajamento em práticas de turismo responsáveis e sustentáveis (Berdychevsky; Gibson, 2015; Brasil; Silva, 2020; Aknc *et al.*, 2018).

Embora a região de origem dos visitantes não tenha apresentado associação estatisticamente significativa com a percepção de perigo neste estudo, compreender a procedência do público é relevante para interpretar comportamentos e expectativas. Turistas do Nordeste, por estarem mais familiarizados com a região, tendem a conhecer melhor aspectos culturais e ambien-

tais do destino, enquanto visitantes de outras regiões ou do exterior buscam experiências inéditas e novos conhecimentos (Costa *et al.*, 2021; Souza *et al.*, 2025). Reconhecer essas diferenças pode subsidiar estratégias de educação ambiental e de gestão turística mais eficazes, adaptadas aos distintos perfis de visitantes e à dinâmica de uso do Serrote da Pedra Furada.

Destaca-se, entre os resultados deste estudo, a divergência entre o conhecimento abstrato dos turistas e sua percepção da paisagem. Embora a maioria dos entrevistados declare saber o que é uma falésia marinha, esse conhecimento não se traduziu no reconhecimento do Serrote da Pedra Furada como uma falésia ativa e sujeita a movimentos de massa. Essa dissociação pode ser explicada à luz de Tuan (1980), para quem a percepção ambiental é um processo seletivo no qual certos elementos da paisagem são registrados e outros passam despercebidos. Assim, mesmo conhecendo o conceito, os visitantes não reconheceram a feição como falésia, porque sua atenção se orientou por imagens mentais previamente construídas.

Além disso, Guimarães (2014) observa que imagens, informações e representações amplamente circuladas podem produzir “distorções perceptivas e interpretativas”, atuando como estigmas que moldam expectativas sobre a paisagem. De forma semelhante, pesquisas sobre a percepção em ambientes naturais indicam que os sujeitos interpretam a paisagem combinando referências sensoriais e significados simbólicos, o que pode gerar leituras incompletas ou enviesadas do ambiente (Farias; Gama, 2019).

As falésias costeiras são feições geomorfológicas caracterizadas por declives acentuados, resultantes da ação combinada de processos marinhos e subaéreos sobre diferentes litologias (Hampton; Griggs, 2004; Silva, 2017). Em Jericoacoara, o Serrote da Pedra Furada é constituído por quartzito ferruginoso silicificado, configurando-se como uma falésia ativa (Ceará, 2015) que, no entanto, difere do modelo visual mais comumente associado a encostas elevadas e abruptas. Essa particularidade contribui para explicar por que os visitantes tendem a reconhecer falésias apenas quando estas correspondem a um modelo visual previamente estabelecido. Dessa maneira, a percepção dos turistas parece apoiada em referências imagéticas sobre o que seria uma falésia, o que dificulta a identificação dessa feição geomorfológica no Serrote da Pedra Furada.

Mesmo não reconhecendo o Serrote da Pedra Furada como uma falésia, os visitantes ainda perceberam o local como perigoso, mas com base em elementos imediatos da experiência física, como trilhas íngremes, desníveis

e dificuldade de acesso. Trata-se de uma percepção de risco sustentada, sobretudo, pela sensação de esforço e exposição, e não pela compreensão dos processos erosivos que tornam a encosta instável. Essa predominância da dimensão sensorial dialoga com Carvalho (2022), que destaca o papel central dos sentidos na percepção ambiental.

Assim, embora identifiquem o lugar como perigoso, os turistas não relacionam esse perigo aos processos geológicos capazes de gerar colapsos súbitos que coloquem sua segurança em risco. Essa limitação interpretativa aponta para uma condição de vulnerabilidade, pois envolve a exposição ao risco combinado à incapacidade de reconhecer elementos essenciais para reagir adequadamente à ameaça, conforme a concepção de vulnerabilidade discutida por Marandola Jr. e Hogan (2006).

O fato de os visitantes, em primeira viagem para Jericoacoara, serem os que menos percebem o risco no Serrote da Pedra Furada indica que a familiaridade com o ambiente é um fator importante para uma avaliação mais segura do lugar. Esse resultado confirma o que foi apontado por Peace (2011) e Yang *et al.* (2015), que afirmam que a inexperience em um destino tende a gerar uma percepção mais superficial de suas ameaças. A falta de experiência prévia com o local faz com que o turista leve em consideração, principalmente, a beleza da paisagem, ignorando indícios de risco que poderiam ser percebidos com maior atenção.

Em contrapartida, a percepção mais aguçada dos turistas mais jovens (20–34 anos) pode estar relacionada a fatores externos, conforme o modelo proposto por Um e Crompton (1990). Essa geração está constantemente exposta a informações e alertas difundidos por redes sociais e mídias digitais, ferramentas que hoje atuam como aliadas do turismo (Heung *et al.*, 2001; Tan; Halim, 2021; Amir *et al.*, 2022), o que contribui para o desenvolvimento de uma maior consciência sobre a probabilidade de incidentes em destinos como Jericoacoara.

Esse fenômeno é sustentado por estudos como os de Gibson e Yannakis (2002), Simpson e Siguaw (2008) e Williams e Baláz (2013), que destacam que os jovens não apenas percebem mais riscos que os mais velhos, mas também demonstram maior preocupação com diversos perigos e tendem a evitar, com mais frequência, destinos considerados arriscados.

Conforme Um e Crompton (1990), a sinalização de risco, também é considerada um fator importante na percepção. No caso do Serrote da Pedra Furada, a constatação de que a maioria dos turistas não visualizou qualquer placa ou aviso no local é preocupante, pois remove um elemento externo

essencial para a formação de uma percepção adequada do risco (Saunders, 2019). Essa carência de informação oficial cria um ambiente em que o perigo, embora presente, torna-se invisível e, portanto, ignorado. O contraste entre a valorização atribuída à sinalização pelos visitantes (82,2%) e a dificuldade em reconhecê-la no local indica falhas em sua efetividade, revelando fragilidades na gestão do risco.

A dimensão relacionada aos fatores internos, também proposta por Um e Crompton (1990), é identificada, nesta pesquisa, quando a tendência a “se deixar levar pelas emoções” se mostrou associada à forma como o risco é percebido. A percepção de risco no turismo pode ser compreendida como um processo intrinsecamente subjetivo, no qual o indivíduo organiza e interpreta os estímulos ambientais a partir de filtros emocionais e psicológicos (Davidoff, 1983). Trata-se, por isso, de um construto complexo, sustentado mais por emoções do que por avaliações puramente racionais (Gifford, 2014).

Nesse contexto, turistas que se deixam levar pelas emoções tendem a buscar experiências inesquecíveis e sensações intensas (Hosany, 2012), associando o risco ao prazer e ao escapismo² (Le Breton, 2007). Esse perfil aproxima-se dos chamados “buscadores de novidades” (Cohen, 1972; Plog, 1974; Kovačić *et al.*, 2020), o que pode levá-los a diferentes avaliações do perigo, seja superestimando-o como parte da aventura, seja subestimando-o em função da euforia. Desse modo, a tendência de priorizar a emoção em detrimento da razão explica por que parte dos visitantes acaba desconsiderando os riscos reais, priorizando a experiência subjetiva sobre a cautela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da percepção de risco no Serrote da Pedra Furada revelou que, apesar de ser um destino turístico consolidado, parte dos visitantes desconsidera os perigos provenientes da erosão do local. Os resultados demonstraram que características como idade, origem e primeira visita influenciaram significativamente essa avaliação. Visitantes mais jovens apresentaram maior sensibilidade aos riscos, reforçando que a exposição a informações digitais aprimora a leitura de perigos.

A análise da percepção de risco no Serrote da Pedra Furada revelou que, apesar de ser um destino turístico consolidado, parte dos visitantes descon-

2 Escapismo se refere à tendência de fugir da realidade ou da rotina, especialmente envolvendo coisas vivenciadas como desagradáveis, desviando a mente para outras ocupações ou entretenimentos.

sidera os perigos provenientes da instabilidade natural do local. Os resultados demonstraram que características como idade e experiência prévia no destino influenciaram significativamente essa avaliação. Turistas em primeira visita apresentaram maior tendência a subestimar os riscos do local, enquanto os visitantes mais jovens demonstraram uma percepção de risco significativamente maior em comparação às faixas etárias mais elevadas.

Observou-se, entretanto, que a percepção é predominantemente intuitiva e sensorial. Os visitantes tendem a concentrar sua atenção nas características físicas mais evidentes do terreno, como inclinação e dificuldade de acesso, sem incorporar a compreensão dos processos geomorfológicos que regem a instabilidade das falésias ativas. Essa limitação interpretativa os leva a subestimar riscos menos evidentes, porém mais perigosos, como o deslocamento de blocos.

Por outro lado, fatores como o tipo de companhia durante a visita e a motivação da viagem não se mostraram relevantes para explicar essas percepções, indicando que elementos pessoais e contextuais desempenham papel secundário diante de aspectos socioculturais mais amplos.

A vulnerabilidade dos visitantes é agravada pela insuficiência de sinalização de risco, não percebida por 74,8% dos turistas. A ausência de avisos educativos e alertas visuais claros elimina um suporte externo fundamental para orientar a leitura do ambiente, comprometendo a capacidade dos visitantes de reconhecer situações perigosas e favorecendo a ocorrência de comportamentos inseguros.

Portanto, conclui-se que a gestão de risco no Parque Nacional de Jericoacoara deve incorporar estratégias de comunicação visual segmentadas, capazes de traduzir os processos geológicos complexos em alertas claros e compreensíveis para os diferentes perfis de visitantes. Pesquisas futuras podem investigar a efetividade dessas sinalizações e expandir a análise para outros contextos costeiros, contribuindo para a adoção de práticas de gestão costeira mais seguras e eficazes. ●

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro por meio de bolsa de doutorado. Agradecem também ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (ProPGeo/UECE) e ao LGCO – Laboratório de Geologia e Geomorfologia Costeira e Oceânica, pelo suporte institucional ao desenvolvimento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, L. Q. de. **Riscos ambientais e vulnerabilidades nas cidades brasileiras: conceitos, metodologias e aplicações**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- AMIR, A. F.; HAFIZAN, N. N. M.; ANUAR, N. A. M.; ASYRAFF, M. A.; SHAHRIL, Z. @ RENA. The Influence of Instagram Travel Content on Intention to Visit Tourist Destinations. **International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences**, v. 12, n. 11, p. 702-719, 2022.
- ARRUDA, M. G. C. **Parque Nacional de Jericoacoara: Zoneamento Ambiental para o Plano de Manejo**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- BERDYCHEVSKY, L.; GIBSON, H. J. Women's Sexual Sensation Seeking and Risk Taking in Leisure Travel. **Journal of Leisure Research**, 47, p. 621-646, 2015.
- BRAGA, F. L. P.; DE PAULA, D. P. "Sol, praia, mar, vento e trabalho": caracterização produtiva das cidades turísticas costeiras do Ceará-Brasil entre 2010 e 2019. **Finisterra**, v. 59, n. 127, 2025.
- BRASIL, R. C.; SILVA, L. F. Educação ambiental e percepção dos visitantes em unidades de conservação: um estudo no Parque Nacional da Chapada Diamantina. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 9, n. 3, p. 45-57, 2020.
- CÂMARA, Isaias Farias da; RODRIGUES DA SILVA, Rhaiane. Mapeamento e evolução da ocupação irregular em falésias do litoral leste cearense, Nordeste do Brasil. **Geociências**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 1033–1046, 2021.
- CEARÁ. Secretaria do Turismo do Estado do Ceará. **Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) do projeto de pavimentação e melhoramento do trecho CE-182 entre o entroncamento da CE-085 (Lagoa dos Monteiros, distrito de Caiçara) e a Praia do Preá, no município de Cruz**. Fortaleza: Assessoria, Projetos e Construções Ltda., 2015.
- COHEN, E. Toward a sociology of international tourism. **Social Research**, v. 39, p. 164-182, 1972.
- CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO CEARÁ. **Idoso sofre queda em trilha da Pedra Furada em Jericoacoara**. 13 jun. 2025. Disponível em: <https://www.bombeiros.ce.gov.br/2025/06/13/idoso-sofre-queda-em-trilha-da-pedra-furada-em-jericoacoara/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

COSTA, M. A. ; OLIVEIRA, J. T. ; FERNANDES, E. Análise do perfil dos visitantes em parques estaduais do Nordeste brasileiro. **Turismo Visión**, v. 19, n. 2, p. 123-140. 2021.

CORNELL, S.; PEDEN, A. E.; BRANDER, R. W. The safety of social media instigated visitation to national parks in New South Wales, Australia: insights from a population representative sample. **Health Promotion Journal of Australia**, v. 36, n. 2, e70009, Apr. 2025.

CUTTER, S. L.; BARNES, L.; BERRY, M. ; BURTON, C.; EVANS, E.; TATE, E.; WEBB, J. A place-based model for understanding community resilience to natural disasters. **Global Environmental Change**, v. 18, n. 4, p. 598–606, 2008.

FARIAS, L. R.; GAMA, A. P. O fantasma do cárcere: percepção ambiental da Enseada de Dois Rios, Ilha Grande (RJ). **Geografares**, v. 29, p. 91-113, 2019.

FOX-KEMPER, B. *et al.* Ocean, cryosphere and sea level change. *In*: MASSON-DELMOTTE, V. *et al.* (eds.). **Climate Change 2021: The Physical Science Basis**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

FRANCO, B. J. F. R. **Zona costeira como espaço de conflito**: impactos das mudanças climáticas e dinâmicas antrópicas na gestão ambiental da região de Jericoacoara, Ceará. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

GIBSON, H.; YANNAKIS, A. Papéis, necessidades e percurso de vida dos turistas. **Annals of Tourism Research**, v. 29, p. 358-383, 2002.

GIFFORD, R. Environmental Psychology Matters. **Annual Review of Psychology**, v. 65, p. 541-579, 2014.

G1 – CEARÁ. **Turista é resgatado após sofrer acidente durante passeio à Pedra Furada**. 14 set. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/09/14/turista-e-resgatado-apos-sofrer-acidente-durante-passeio-a-pedra-furada-em-jericoacoara.ghhtml>. Acesso em: 16 nov. 2025.

G1 – CEARÁ. **Gaúcha sofre princípio de desmaio em trilha e é resgatada por bombeiros**. 24 jun. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/video/turista-gaucha-e-resgatada-pelos-bombeiros-apos-passar-mal-a-caminho-da-pedra-furada-13704676.ghhtml>. Acesso em: 15 nov. 2025.

GUIMARÃES, S. T. de L. Paisagens e turismo: sobre riscos ambientais naturais e suas vulnerabilidades. **Cenário**, v. 2, n. 2, p. 3-18, 2014.

HAMPTON, Monty A.; GRIGGS, Gary B. (ed.). **Formation, evolution, and stability of coastal cliffs: status and trends**. U.S. Geological Survey Professional Paper 1693. Reston: U.S. Department of the Interior; U.S. Geological Survey, 2004.

HEUNG, V. C. S.; QU, H.; CHU, R. The relationship between vacation factors and socio-demographic characteristics: The case of Japanese leisure travellers. **Tourism Management**, 22, p. 259-269, 2001.

HOSANY, S.; GILBERT, D. Measuring tourists' emotional experiences toward hedonic holiday destinations. **Journal of Travel Research**, v. 49, n. 4, p. 513-526, 2010.

KOVAČIĆ, S.; MĂRGĂRINT, M. C.; IONCE, R.; MILJKOVIĆ, Đ. What are the factors affecting tourist behavior based on the perception of risk? Romanian and Serbian tourists' perspective in the aftermath of the recent floods and wildfires in Greece. **Sustainability**, v. 12, n. 16, p. 6310, 2020.

KULP, S. A.; STRAUSS, B. H. New elevation data triple estimates of global vulnerability to sea-level rise. **Nature Communications**, v. 10, p. 4844, 2019.

LAMINE, I.; CHAHOURI, A.; AQNOUY, M.; MOUKRIM, A.; AIT ALLA, A. Growing coastal tourism: Can biomonitoring provide insights into the health of coastal ecosystems? **Marine Pollution Bulletin**, v. 201, p. 1-12, Apr. 2024

LE BRETON, D. Aqueles que vão para o mar: o risco e o mar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 3, p. 9-19, 2007.

LIMA, J. C.; LIMA, R. J. R.; BARROS, E. L.; PAULA, D. P. de. Análise multitemporal da variabilidade da linha de costa do litoral do município de Caucaia, Ceará, Brasil. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 21, n. 2, p. 864-884, 2019.

LINDOSO, T. A. **Percepção socioambiental dos visitantes e capacidade de carga turística na Vila de Jericoacoara, Ceará**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UECE, 2023.

LIU, J. *et al.* Understanding tourists' environmentally responsible behavior at coastal tourism destinations. **Marine Policy**, v. 143, 2022.

MARANDOLA JR., E.; HOGAN, D. J. As dimensões da vulnerabilidade. **São Paulo em Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 33-43, 2006.

MEDEIROS, T. B. de. **O Turismo de sol e praia e o circuito inferior da economia urbana**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFRN, 2014.

MEIRA, Suedio Alves; BRITO, Denise da Silva; MORAIS, Jader Onofre de. Interpretação Ambiental e Geodiversidade: Proposta de um Painel Interpretativo sobre o Geossítio Pedra Furada, Parque Nacional de Jericoacoara, Ceará. **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 9-28, 2016.

MEIRA, S. A.; MORAIS, J. O. Inventário e Avaliação do Patrimônio Geológico do PARNA Jericoacoara. **Ateliê Geográfico**, v. 11, n. 3, p. 53-76, 2017.

NOGUEIRA, Denys Silva. **A produção do espaço do espetáculo em Jericoacoara – CE**. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, R. F. **Aspectos geodinâmicos associados ao promontório de Jericoacoara**. Tese (Doutorado em Geografia) – UFC, 2022.

PALMA, I. R. **Análise da Percepção Ambiental como Instrumento ao Planejamento da Educação Ambiental**. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, 2005.

PAULA, D.; LIMA, J. C.; BARROS, E. L.; SANTOS, J. de O. Coastal erosion and tourism: the case of the distribution of tourist accommodations and their daily rates. **Geography, Environment, Sustainability**, v. 14, n. 3, p. 110-120, 2021.

PLOG, S. C. Why destination areas rise and fall in popularity. **Cornell Hotel and Restaurant Administration Quarterly**, 1974.

RIBEIRO, A. F.; SOUZA, M. P. Percepção ambiental na proposição de indicadores para avaliação de impactos ambientais de parques eólicos. **Confins**, n. 41, 2019.

ROSA, J. P.; WALKOWSKI, M.; PERINOTTO, A. R. C. A viagem espetáculo: reflexões sobre a exposição e o consumo do viajar nas redes sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 16, 2022.

SAUNDERS, R., WEILER, B., SCHERRER, P., & ZEPPEL, H. Best practice principles for communicating safety messages in national parks. **Journal of Outdoor Recreation and Tourism**, 25, 132-142, 2019.

SILVA, Rhaiane Rodrigues da. **Variabilidade espaço-temporal dos processos erosivos nas falésias de Canoa Quebrada-Aracati**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Ciências do Mar, Programa de Pós-Graduação em Ciências Marinhas Tropicais, Fortaleza, 2017.

SIMPSON, P. M.; SIGUAW, J. A. Travel risk perceptions. **International Journal of Tourism Research**, v. 10, p. 315-327, 2008.

SOUZA, T. N. *et al.* Perfil socioeconômico e percepção ambiental dos visitantes no Mirante do Boto. **Revista DCS**, v. 22, n. 83, e3081, 2025.

TAN, L. Y.; HALIM, N. A. M. A review on the influence of social media in travel decision of youth travelers. **Journal of Tourism, Hospitality and Environment Management (JTHEM)**, v. 6, n. 26, 2021.

TUAN, Y. F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

UM, S.; CROMPTON, J. L. Attitude determinants in tourism destination choice. **Annals of Tourism Research**, v. 17, p. 432-448, 1990.

VASCONCELLOS, M. **Turismo e desenvolvimento sustentável**: bases para uma gestão responsável. São Paulo: Senac, 2018.

VOUSDOKAS, M. I. *et al.* Economic motivation for raising coastal flood defenses in Europe. **Nature Communications**, v. 11, 2119, 2020.

WEILER, B.; GSTAETTNER, A. M.; SCHERRER, P. Selfies to die for: a review of research on self-photography associated with injury/death in tourism and recreation. **Tourism Management Perspectives**, v. 37, 2021.

WILLIAMS, A. M.; BALÁŽ, V. Tourism, risk tolerance and competencies. **Tourism Management**, v. 35, p. 209-221, 2013.

YANG, E. C. L.; NAIR, V. Tourism at Risk: a Review of Risk and Perceived Risk in Tourism. **Asia-Pacific Journal of Innovation in Hospitality and Tourism**, v. 3, n. 13, 2014.

CONTRIBUIÇÕES DE AUTORIA

Juliana Moreira dos Santos: Conceitualização (elaboração da ideia do estudo); Metodologia; Investigação (trabalho de campo e coleta de dados); Análise Formal (análise, organização e interpretação dos dados); Validação (revisão e conferência dos resultados); Visualização (preparação dos dados para figuras, tabelas e mapas); Redação – Rascunho Original; Redação – Revisão e Edição.

Tais Amorim Lindoso: Participação nos trabalhos de campo; Aplicação de formulários e coleta de dados; Redação de seções (referencial teórico, metodologia e resultados); Tradução dos resumos em línguas estrangeiras; Revisão e Edição.

Davis Pereira de Paula: Supervisão; Revisão Crítica do manuscrito; Validação dos resultados; Orientação metodológica.

EDITOR DO ARTIGO

Cláudio Luiz Zanotelli

Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória, Espírito Santo, Brasil

claudio.zanotelli@ufes.br

Artigo recebido em: 27/11/2025

Artigo aprovado em: 06/03/2026

Artigo publicado em: 20/03/2026